

O IDEAL

(A ELITE VIMARANENSE)

REVISTA QUINZENAL, LITTERARIA E RECREATIVA

ASSIGNATURA		Domingo, 18 de Setem- bro de 1892	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	
Serie de 24 numeros	600 reis			RUA DAS LAMELLAS, 49
» » 12 »	300 »		GUIMARÃES	
» » 6 »	150 »			

DO DILETTANTISMO

(CONCLUSÃO)



O DILETTANTI passa subitamente d'um polo a outro da vida humana. O seu sonho era ter uma alma de mil facetas para reflectir as mil caras da Natureza.

E' a legitimidade de muitos pontos de vista contradictorios que faz do dilettantismo uma especie de dialectica d'um genero novo graças á qual a intelligencia particpa da infinita fecundidade das coisas. E não faltaria alguma coisa á festa do universo, pergunta Renan, se o mundo não fosse povoado senão de fanaticos iconoclastas e d'estupidos virtuosos?

O excesso da producção de phenomenos quebra os nossos systemas como formas muito estreitas. Como não considerar successivamente com uma curiosidade desdenhosa porque procede da impotencia das doutrinas, e ao mesmo tempo sympathica visto que a esse sentimento se reúne a ideia de que essas doutrinas foram sinceras, se reúne a convicção de que foram verdadeiras em certas circumstancias e para certas cabeças?

Ha homens superiores, como Alcibiade, Cesar, Vinci, Montaigne, Renan, que constituem exemplos celebres d'esta volubildade e variabilidade d'apdições. Todavia a sua gloria tem um não sei que de sombrio e inconstante. Parece que á humanidade repugna o dilettantismo sem duvida porque comprehende que vive da affirmacão e morreria da incerteza. Ainda bem que na tarde, sómente, da vida das raças e quando a extrema civilisação tem abolido pouco a pouco a facultade de crear, revela o dilettantismo toda a sua poesia de que Virgílio teve como

um presentimento quando disse, segundo reza a tradição, «cansamo-nos de tudo, excepto de comprehender...»

E' indistinctível que uma tal disposição d'espirito não é o que se convencionou chamar natural, n'este sentido de que tem sido até hoje o apanag'o d'um pequeno numero de personagens de excepção. E' necessario porem desconfiar da miragem da palavra «natural» quando se tracta de «nuances» de sensibilidade. E' impossivel conceber um phenomeno que não seja determinado por condições proprias do universo—portanto natural. Traduzamos pois o termo pelas duas ideias que elle representa, e digamos que o dilettantismo é uma d'sposição d'espirito rara e perigosa. No entanto essa disposição d'espirito antes de ser uma causa, é um effeito: o dilettantismo é um producto necessario da nossa sociedade contemporanea.

Para comprehender bem que o dilettantismo está com effeito no sangue d'esta epoca, observemos os usos e a sociedade—as exterioridades materiaes e a conversação. Não é multiplo tudo? Não nos convida tudo a fazer da nossa alma uma rede de sensações complicadas? Não é um incitamento ao dilettantismo que parece sahir do menor recanto d'um salão moderno? As fantasias orientaes d'aquelle damasco, as paisagens que os fios d'ouro desenhm n'aquella seda do Japão, a cor viva d'aquelle tapete, ontrora uma pelle d'exotico animal, não estimula tudo isso a imaginacão? Pelas paredes os quadros mais variados: é Fromentin, é Millet, é Nittis. Nas mezas, nas «étagères» uma profusão de pequeninas maravilhas, de extranhos «bibelots», uma profusão extraordinaria: leques de Yedo, bronzes da Renascença, gessos e Barros grac'osissimos. Não é este salão um muscu? E um muscu não é uma escola propria para o espirito critico?

Mas a complexidade pessoal é ainda



I

Vi-te a primeira vez quando
 um bello dia passei
 à tua porta, chorando...
 E ao ver-te, lyrio, parei.

E tanta doçura ha
 no teu rosto que, seguindo
 o meu caminho,—vê lá!--
 já não chorava, ia rindo.

II

D'uma vez,—era á noitinha—
 toda de branco —um jasmim!—
 viste triste, sósinha,
 passear no teu jardim.

Vendo-te, uma cotovia
 cantou logo, alvorçada,
 e disse ás outras: —E' dia!
 Lá vem rompendo a alvorada!

III

Andava Deus pelas ruas
 do ceu, contando as estrellas,
 e viu que faltavam duas,
 —e logo as duas mais bellas!

Dizem que o bom Deus ficou
 cheio de immenso desgosto.
 Talvez; mas não se zangou
 ao ver-l'as ambas no rosto.

IV

Se eu fosse rei viveria
 n'um trono d'oiro lavrado,
 e, quer de noite ou de dia,
 tinha-te sempre a meu lado.

Se eu fosse rei... Mas enfim
 deixemos essa illusão.
 Tu vives melhor assim,
 —dentro do meu coração,

Guimarães—1892.

J. P.

DIARIO D'UM DESCRENTE

Em todo o dia a minha alma
 Andou triste... a soluçar;
 Pois faltou-lhe a doce calma,
 Que lhe vem do seu olhar.

Hontem triste, hoje contente;
 Affavel compensação!...
 Já o seu olhar fulgente
 Fez pulsar meu coração.

O amor tem d'isto ás vezes;
 Ora delicias nos dando,
 Ora nos dando revezes.

Muito bem faz quem, julgando
 Que o amor tem d'isto ás vezes,
 Vae do amor desfructando...

Lisboa.

JUSTINO DE CARVALHO.

O INGLEZ ERRANTE

(Alexis Bouvier)

Era de raça pura o meu inglez,
 perfeitamente pura...

Tinha cabellos cor de palha, suis-
 sas côr de pulga e o nariz vermelho;
 quasi nenhuma distancia entre as na-
 rinhas e a bôca, —o que lhe poupava
 o trabalho de trazer bigodes; o labio,
 um pouco arregaçado, deixava ver
 trez dentes... mas que dentes, meu
 Deus!... do tamanho de pollegar-
 es...

Tinha olhos azues, de um azul,
 bem entendido, de agua de sabão; e o
 immenso pescoço espetava-se-lhe co-
 mo haste de alfinete n'um collarinho
 de zinco.

Trajava sempre umas calças mui-
 to curtas, um casaco muito largo e
 um chapéu muito apertado... De um
 boldrié de verniz trazia pendente o
 oculo e não largava da mão um pe-
 queno sacco de viagem, de couro a-
 vermelhado.